

OS HERÓIS QUE DETESTAVAM QUEM ELES DEVIAM SALVAR: O PARADOXO IDENTITÁRIO DAS CRIANÇAS-SOLDADOS NA GUERRA DE SERRA LEOA

The heroes who hated those whom they were supposed to save: child soldiers' identity paradox in Sierra Leone's war

Breno Fernandes

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFBA), Mestre em Relações Internacionais (UFBA) e Doutorando em Literatura & Cultura (UFBA).

<http://www.brenofernandes.info>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2674-2817>

E-mail: brenofernandes@gmail.com

Informações do artigo

Recebido em 17/04/2017

Aceito em 30/04/2017

Resumo

Este artigo parte da leitura de *Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado*, romance autobiográfico do serra-leonense Ishmael Beah, narrando sua experiência como criança-soldado do exército de Serra Leoa durante a guerra civil do país (1991-2002), para refletir sobre as identidades que são construídas nessa vivência traumatizante. Partindo do pressuposto de que a guerra civil trinca o discurso nacionalista, interessa verificar como essas identidades conformadas no cotidiano da guerra se articulam com a identidade nacional e a ressignificam. Nesse movimento, chama atenção o fato de o exército de Serra Leoa ter mobilizado garotos apelando a diversas identidades, inclusive à de heróis nacionais, mas obtendo como resultado final sujeitos que, na prática, detestavam os civis tanto ou quase tanto quanto desprezavam os rebeldes da Frente Revolucionária Unida (RUF). Sugere-se que o desatamento desse emaranhado identitário engendrado pela guerra seja um dos fatores que determinariam o êxito das políticas de DDR — desarmamento, desmobilização e reintegração social — voltadas para as crianças-soldados, realizadas entre 1996 e 2002. Um êxito que, para alguns analistas, não se verificou.

Palavras-chave: Crianças-soldados. Guerra civil. Identidade. Ishmael Beah. Serra Leoa.

Para onde o senhor e a sua família estão indo?”. Ele ignorou minha pergunta fingindo não ter ouvido. Em seguida perguntei se ele conhecia o caminho mais curto para Bonthe, uma ilha no sul de Serra Leoa que, de acordo com o boca a boca, era um dos lugares mais seguros naquela época. Ele me disse que, se eu continuasse andando em direção ao mar, acabaria encontrando quem soubesse informar melhor o caminho. Estava claro pelo seu tom de voz que ele não me queria por perto e não confiava em mim. Olhei para os rostos curiosos e céticos das crianças e da mulher. Eu estava feliz em ver outros rostos e ao mesmo tempo triste porque a guerra tinha destruído a alegria da experiência de conhecer gente. Não se podia mais confiar nem mesmo em um menino de doze anos (BEAH, 2015, p. 55)

A guerra civil de Serra Leoa durou 11 anos e, como toda guerra, causou perdas humanas atrozes. Foram cerca de 70 mil mortos, 10 mil amputados e 2 milhões de

deslocados.¹ Mas aquilo que talvez mais tenha ficado na memória de quem acompanhou o conflito de 1991-2002, e que continua a impressionar quem toma conhecimento sobre ele hoje em dia, foi a presença massiva de crianças-soldados lutando tanto ao lado do grupo rebelde quanto ao lado do exército de Serra Leoa. Meninos e meninas magricelas, agarrados a rifles de cano mais grosso do que os braços que os sustentavam.² Ishmael Beah, autor do livro que fundamenta essa reflexão, foi uma dessas crianças. Sua experiência está contada no romance autobiográfico *Muito longe de casa*, lançado em 2007 e imediatamente alçado ao status de *best-seller*.

Se a literatura brasileira fosse uma referência mundial, talvez Ishmael tivesse começado assim sua narrativa: *No meio do caminho tinha uma guerra...* Porque foi justo o que aconteceu. Em 1993, junto com o irmão mais velho e alguns amigos, ele deixou a cidadezinha em que vivia, no sul de Serra Leoa, rumo a uma cidade vinte quilômetros distante, onde os garotos fariam uma apresentação amadora de *rap*, e então, no meio do caminho, a guerra os achou. Os meninos, é claro, sabiam que estava havendo uma luta armada. Para eles, no entanto, “ela parecia estar acontecendo numa terra distante e desconhecida. Só quando os refugiados passaram a cruzar nossa cidade começamos a perceber que a guerra estava mesmo ocorrendo em nosso país”.³ Daí a descontração que marcou aquela azarada viagem do grupo. Os garotos não mais conseguiriam voltar para casa nem encontrar seus pais.

Com o tempo, por muito que se esforçassem para permanecer juntos, os rapazes acabaram-se perdendo uns dos outros. Ishmael chegou a ficar mais de um mês escondido nas entranhas de uma floresta, sozinho, com medo tanto de ficar ali quanto de buscar abrigo em outro canto. Melhor dizendo, abrigo com outro grupo, uma vez que não havia local onde fosse seguro permanecer por muito tempo; o melhor a se fazer era pôr-se em movimento constante e contar com companheiros para tornar mais toleráveis os longos deslocamentos e as privações gerais enfrentadas no caminho. Mesmo quando Ishmael e seus novos amigos chegaram a uma aldeia servindo temporariamente de base a uma guarnição do exército, sua

¹ DENOVI, 2010, p. 49-50.

² Não se sabe o número exato de crianças-soldados envolvidas no conflito de Serra Leoa. As discrepâncias estatísticas podem alcançar a casa dos milhares. Denov (2010), por exemplo, cita relatórios que falam em 6 mil e estudos que falam em 48 mil (cf. *Id.*, *loc. cit.*). Inza (2015) aponta como causa para essas diferentes contagens a falta de consenso em relação tanto à faixa etária do fim da infância quanto à atividade que caracteriza uma criança-soldado, se o termo designa somente aquele que vai ao *front* de batalha ou se também seriam crianças-soldados aqueles que realizam trabalhos como o de mensageiro, de cozinheiro e de carregador do grupo armado.

³ BEAH, op. cit., p. 9.

segurança não esteve garantida. Aliás, foi aí que ele se tornou uma criança-soldado, coagido e cooptado pelos militares. E, como criança-soldado, ele viveu os anos seguintes, entorpecido pelas drogas; pela descoberta de sua capacidade de matar e de ser cruel; e pelos discursos de amor aos companheiros e ódio aos inimigos; até ser resgatado, em 1996, pela Unicef, que apenas começava a trabalhar ao lado de OINGs como a Children Associated with the War (CAW), em prol do DDR: o desarmamento, a desmobilização e a reintegração desses meninos e meninas à sociedade.

Li *Muito longe de casa* como parte de minha pesquisa de doutorado, intitulada *Vidas possíveis: o vazio da nação e o cotidiano em romances de guerra*, iniciada há pouco. Interessei-me em estudar as guerras civis contadas em romances por duas razões, sendo a primeira o valor que dou a esse tipo de literatura. Com frequência, ao tratar do tema da guerra, olhamos quase exclusivamente para as instituições: reinos e Estados-nações; exércitos e grupos paramilitares; alianças e organizações internacionais. São esses personagens institucionais os protagonistas das narrativas de guerra que aprendemos nos livros escolares e nos documentários da indústria cultural. Com efeito, quando pessoas são colocadas em evidência nessas narrativas, ou é porque estavam diretamente envolvidas com as instituições, não raro liderando-as; ou destacaram-se nas frentes de combate; ou exerceram ambos os papéis, foram líderes-soldados. Tradicionalmente, as pessoas que sofrem a guerra fora dos gabinetes de Estado-Maior e longe das trincheiras são invisibilizadas, se têm a sorte de sobreviver, ou então transformadas em números, se lhes acontece o pior. Todavia, há algumas décadas, no âmbito acadêmico, vêm surgindo críticas a essa fórmula institucional e invisibilizadora de narrar as guerras, por vezes reproduzida dentro da própria academia, em seus diversos campos. Exemplo dessas críticas é encontrado em Tickner (2000), quando ela menciona que uma das abordagens caras à perspectiva feminista das Relações Internacionais “tende a se focar mais nas consequências do que acontece durante as guerras do que em suas causas.”⁴ Tais estudos críticos, continua Tickner (2000), têm o intuito de “ênfatisar o impacto negativo

⁴ “[...] tend to focus on the consequences of what happens during wars rather than on their causes” (TICKNER, 2000, p. 205; tradução nossa).

de conflitos militares contemporâneos sobre populações civis”,⁵ ainda mais em se considerando que, de acordo com a ONU, “houve um crescimento agudo na proporção de civis vítimas de guerra — de cerca de 10%, no início do século [XX], para cerca de 90% atualmente.”⁶

Mas não só os teóricos buscam formas mais humanizadas de narrar a guerra. No âmbito literário, há muito já se identifica o mesmo interesse. Refletindo sobre o romance de guerra como gênero literário, Coundouriotis (2014) destaca justamente seu foco na *história das gentes* ou *história do povo* (*people's history*): “a novela de guerra [...] tenta capturar a perspectiva do povo e prestar contas coletivamente da gente comum”.⁷ Desse modo, focando-se em quem mais sofre as consequências da guerra, um romance desse gênero também funcionaria como “um protesto contra a desumanização que ele retrata”.⁸

O segundo motivo que me levou ao estudo de romances de guerra civil foi um questionamento em relação à ideia de povo, uma indagação que me surgiu a partir da leitura de Bhabha (1992, 1998). É que, em contexto de guerra nacional, a ideia de povo enquanto comunidade fraternal, homogênea e horizontal é invariavelmente problematizada. Afinal de contas, a existência de uma guerra civil pressupõe o desmantelamento da ideologia de *povo-nação*, para usar uma expressão de Bhabha (1998). Trata-se, com efeito, da mesma ideologia de que fala Anderson (1993) quando define a nação como construção simbólica, *imaginada*; uma narrativa cujo intuito é subjugar pelo afeto, impondo certo senso de “companheirismo profundo, horizontal”,⁹ independente de toda diferença e de toda exploração que existam nessa comunidade. Segundo Bhabha (1998), a ideia de povo funciona como mecanismo discursivo dessa narrativa, serve ao nacionalismo como *objeto pedagógico*. Em outras palavras, toma-se o povo como uma “presença histórica a priori”¹⁰ para legitimar a teleologia da nação. Porém o povo é mais do que isso. É também *sujeito performativo*; um ente que se cria no *presente enunciativo*, isto é, nos discursos sobre povo que os indivíduos estão produzindo agora, mas que não necessariamente remetem ao agora nem ao passado, antes

⁵ “[...] to emphasize the negative impact of contemporary military conflicts on civilian populations” (Id., loc. cit.; tradução nossa).

⁶ “[...] there has been a sharp increase in the proportion of civilian casualties of war — from about 10 percent at the beginning of the century to 90 percent today.” (Ibid., loc. cit.; tradução nossa).

⁷ “[...] war novel [...] attempts to capture the people’s perspective and give a collective account of ordinary people [...]” (COUNDOURIOTIS, 2014, p. 1-2; tradução nossa).

⁸ “[...] a protest against the dehumanization it portrays” (Id., loc. cit.; tradução nossa).

⁹ “[...] compañerismo profundo, horizontal” (ANDERSON, 1993, p. 25; tradução nossa).

¹⁰ BHABHA, 1998, p. 209.

estabelecendo variadas temporalidades e deixando à mostra a heterogeneidade do conceito. Por causa dessas duas facetas (ativa e passiva; sujeito e objeto), Bhabha (1998) posiciona o povo “nos limites da narrativa da nação”, em uma “zona oculta de instabilidade”, na qual “o presente da história do povo [...] destrói os princípios constantes da cultura nacional”, as “narrativas nacionais continuístas”.¹¹

A guerra civil talvez seja o acontecimento nacional que mais do que qualquer outro explicita essa posição liminar, esse *entre-lugar* onde o povo se situa. A guerra parece funcionar como um catalisador das diferentes temporalidades dos indivíduos que conformam o povo; um holofote sobre a heterogeneidade da nação. E se a nação é a narrativa que, na pós-coloniedade, “preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos”,¹² ao abalar essa narrativa, supõe-se que o contexto de guerra leve ao preenchimento desse vazio de outras formas. Um processo que se realizaria na vida cotidiana mesma. Afinal, como nota Bhabha (1992), a cultura é “a produção descontínua e incompleta de significado e de valor [...] produzida no ato de sobrevivência social”;¹³ é a criação de “uma textualidade simbólica, para dar à rotina alienadora uma ‘aura’ de individualidade, uma promessa de prazer”.¹⁴ Atento a isso, o objetivo de minha pesquisa é vislumbrar quais narrativas sociais surgem no *entre-lugar* da ideologia nacionalista; como o compartilhamento de temporalidades sociais produzidas em uma mesma situação de guerra agrupa indivíduos plurais; e as formas pelas quais, em suas práticas cotidianas, esses indivíduos ressignificam o vazio deixado quando a guerra abala ou desmantela a narrativa da nação.

Com a leitura de *Muito longe de casa*, surgiu o interesse de me valer dessas ideias para refletir especificamente sobre como o vazio da nação teria afetado as crianças-soldados serra-leonenses. Esse texto é o resultado dessa comichão no cérebro. Para elaborá-lo, valime das palavras-chave *nação* e *país* a fim de selecionar e analisar as cenas em que elas apareciam no romance de Beah (2015). Supus que, em se tratando de crianças vivendo no *front* como integrantes do exército, o discurso nacionalista não desapareceria de todo, mas

¹¹ Id., op. cit., p. 214-115.

¹² Ibid., op. cit., p. 199.

¹³ “[...] an uneven, incomplete production of meaning and value [...] produced in the act of social survival” (Ibid., 1992, p. 47; tradução nossa).

¹⁴ “[...] a symbolic textuality, to give the alienating everyday an ‘aura’ of selfhood, a promise of pleasure” (Ibid., loc. cit.; tradução nossa).

seu desbotamento não se daria sem contraparte imediata, ou seja: inferi que, nessas mesmas cenas ou em suas vizinhas, seria possível vislumbrar a assunção de outras identidades conformando as crianças-soldados. A interpretação a que cheguei aponta para uma vivência paradoxal desses garotos e garotas. (Poderia ser diferente?) Porém, antes de chegar a meu argumento central, é pertinente comentar, mesmo com brevidade, acerca da história recente de Serra Leoa.

De entreposto comercial a nação desgovernada

Incrustada na ponta mais ocidental do continente africano, reunindo 6 milhões de pessoas em uma área cerca de uma vez e meia maior que o estado do Espírito Santo,¹⁵ Serra Leoa adentrou o sistema-mundo em 1462, quando o português Pedro de Sintra alcançou a península onde agora está Freetown, capital do país, e, notando a forma leonina das montanhas que circundavam o terreno, deu a ele o nome que conhecemos. O lugar a princípio não foi mais do que um entreposto comercial onde europeus trocavam tecidos e metais por marfim, madeira e escravos, oferecidos pelos diversos povos que viviam por ali, mais de quinze etnias entre as quais predominam até hoje os temnes (35%), concentrados no norte, e os mendes (31%), habitantes do sul. Segundo Denov (2010), por volta do século 18, o comércio escravagista chegava a mandar embora duzentas pessoas diariamente. Sua lucratividade fazia com que a região vivesse em contínuo estado de guerra. Contínuo e prolongado, se considerarmos que, no interior do país, o comércio de seres humanos escravizados perdurou até 1929. Para Denov (2010), as maiores sequelas legadas aos serra-leonenses pelo escravagismo — pela exploração, brutalidade e predação que o conformam — seriam duas: a naturalização da violência como parte da vida cotidiana e a perpetuação das mazelas socioeconômicas, uma sociedade extremamente desigual.¹⁶ Soa familiar, não é mesmo?

Ainda no século 18, a partir de 1787, ex-escravizados, principalmente aqueles que conseguiram a liberdade por conta de sua participação, ao lado do exército inglês, na guerra de independência dos Estados Unidos, tiveram apoio da coroa britânica para migrar para a

¹⁵ Para conferir os dados estatísticos sobre Serra Leoa expostos neste parágrafo, cf. ESTADOS UNIDOS. Central Intelligence Agency. *The world factbook*. 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/ybD1jc>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

¹⁶ DENOVA, op. cit., p. 50-51.

África. São essas pessoas as fundadoras de Freetown e de uma nova etnia local: os crioulos ou krios. Todavia, conta Denov (2010), “os problemas logo tomaram conta do assentamento, incluindo surtos de doença, escassez de alimentos e ataques de temnes que foram espoliados de suas terras para o estabelecimento da cidade”.¹⁷ Foi então que os ingleses encontraram a oportunidade de oficialmente tornar Serra Leoa sua colônia, em 1808. Seguindo o hábito de organizar politicamente seus territórios dominados por meio do esquema conhecido como *indirect rule*, fatiaram o país em diversos clãs regidos por um chefe supremo (*paramount chief*) e um punhado de subchefes, formando juntos um conselho administrativo. Para piorar, a hierarquia criada pelos colonizadores não se dava somente em âmbito simbólico — as famílias mais poderosas de repente ganharam o status de *ruling houses* —, mas também se verificava materialmente, na medida em que o título de chefe era vitalício e hereditário, e dava a seus portadores o direito de mandar e, sobretudo, desmandar nas comunidades que dominavam, cobrando impostos e mesmo se valendo de mão de obra gratuita (portanto escravizada) para cultivar suas terras e explorar suas minas. A manutenção dessa estrutura de poder no interior do país, já no período pós-independência, será uma dos fatores que vão opor os jovens serra-leonenses, explorados e sem oportunidades de ascensão social, à gerontocracia dos chefes, seus algozes.

Nas palavras do escritor norte-americano Adam Hochschild, citado por Denov (2010), “o maior legado europeu à África não foi a democracia tal qual ela é praticada hoje em países como a Inglaterra, a França e a Bélgica; foi o regime autoritário e a pilhagem”.¹⁸ Em Serra Leoa, esse regime autoritário começou pouco depois da independência do país, em 27 de abril de 1961. O movimento de descolonização foi encabeçado por Milton Margai (1895-1964), que, em um regime parlamentarista, se tornou o primeiro premiê da nação pelo Partido do Povo de Serra Leoa (*Sierra Leone Peoples Party*, SLPP). Com sua morte, assumiu seu irmão, Albert Margai (1910-1980), cujo governo foi tão desastroso, marcado por clientelismo, autoritarismo e corrupção, que, nas eleições de 1967, o SLPP perdeu as eleições para o principal partido de oposição, o Partido de Todo o Povo (*All People's Congress*, APC), então liderado por Siaka Stevens (1905-1988). Começava, sem que os serra-leonenses

¹⁷ “However, the settlement was soon overwhelmed with problems, including the outbreak of disease, food shortages and attacks by Temne landholders who were defrauded of their land to establish the settlement.” (Id., op. cit., p. 51; tradução nossa).

¹⁸ “[...] ‘the major legacy Europe left for Africa was not democracy as it is practised today in countries like England, France and Belgium, it was authoritarian rule and plunder’” (Ibid. op. cit., p. 53; tradução nossa).

soubessem, a ditadura no país. Stevens ficou no poder de 1967 a 1984, sendo depois sucedido pelo correligionário Joseph Momoh (1937-2003), um continuísta de seu regime. Não bastassem as mudanças arbitrárias que o APC fez no sistema político de Serra Leoa, como inaugurar o presidencialismo (1971) e o unipartidarismo (1978-1991), houve ainda o que Denov (2010) qualifica de institucionalização da corrupção. Patrimonialismo, favores contados, desvios de verba pública, pagamentos ilícitos, propina... O abecedário completo da corrupção, que nós conhecemos tão bem, degingolou a economia serra-leonense. Sem legitimidade, desconectada da realidade dos rincões do país e incapaz de dar conta dos anseios da população — sobretudo da parcela mais jovem, que crescia com relativa intensidade, de acordo com Keen (2003) —, a ditadura do APC conteve o quanto pôde os protestos que volta e meia ribombavam em Serra Leoa, a exemplo da revolta dos estudantes de 1977, puxada pelos alunos da Universidade de Fourah Bay; ou da tentativa de golpe militar que Siaka Stevens sofrera uma década antes, em 1967. Por causa dessa insubordinação do Exército de Serra Leoa (*Sierra Leonean Army*, SLA), o governo decidiu enfraquecê-lo, negligenciando o pagamento dos soldados de baixo escalão e ao mesmo tempo controlando o acesso dos militares a armamentos. Tudo isso em concomitância com a formação de uma milícia armada de sua confiança; praticamente um braço armado do APC. Sucedeu então que, em 1991, a balança de poder em Serra Leoa mudou significativamente a partir da entrada em cena da Frente Revolucionária Unida (*Revolutionary United Front*, RUF).

O fundador da RUF foi um ex-cabo do SLA: Foday Sankoh (1937-2003). Esteve envolvido em algumas conspirações contra o governo e por conta delas foi preso (1971-1978) e expulso do exército, o que acabou por levá-lo, no fim da década de 1980, a Gana e à Líbia, onde recebeu treinamento de guerrilha junto a outros revoltosos de diversas nacionalidades. Nesse período, tornou-se amigo do liberiano Charles Taylor (1948-), líder da Frente Patriótica Nacional da Libéria (*National Patriotic Front of Liberia*, NPFL), que já estava avançado nos preparativos para tomar o poder em seu país, dando início à primeira guerra civil da Libéria (1989-1996). Com o apoio de Taylor, que forneceu a Sankoh tropas, armas e facilitação no contrabando de diamantes serra-leonenses, a RUF realizou seu primeiro ataque no sul de Serra Leoa, sendo bem-sucedida na tomada de controle das minas de Kono e na expulsão do SLA daquele distrito. Era março de 1991 e a guerra estava apenas começando.

Uma guerra contra a desigualdade social

Há muitas variáveis interconectadas no advento e deslanche da guerra civil de Serra Leoa. Keen (2003), em crítica às leituras do conflito que tratam apenas das disputas entre diversos consórcios nacionais e internacionais pelo controle das minas de diamante, cita pelo menos nove fatores em voga na sociedade serra-leonense que contribuíram para o enfrentamento armado: (1) o unipartidarismo; (2) o sistema de chefes; (3) as tensões étnicas; (4) o desprestígio dos militares; (5) a parcialidade do judiciário; (6) o receituário neoliberal do FMI e do Banco Mundial; (7) a corrupção sistêmica; (8) a falta de perspectiva dos jovens; e (9) o sucateamento do sistema de educação. Denov (2010), por sua vez, elenca como motivadores de guerra (1) o sistema hierárquico herdado da época colonial; (2) o patrimonialismo; (3) a militarização da sociedade, inclusive devido a práticas pré-coloniais de iniciação dos jovens à vida adulta por meio do imaginário do guerreiro; (4) a corrupção; (5) o isolamento das zonas rurais; e (6) a marginalização social da juventude. Quando confrontados ambos os conjuntos de teses, sopesando a influência de cada um desses fatores no engendramento da guerra, parece legítimo sintetizá-los em uma expressão bastante conhecida e cara à realidade brasileira, servindo inclusive como explicação aos índices elevados de violência que o Brasil apresenta: a desigualdade social.

Fazer essa síntese não é negligenciar as particularidades da sociedade serra-leonense, a exemplo das tensões étnicas. Mas, haja vista que é o próprio Keen (2003) quem traz essa problemática, afirma que “a guerra de Serra Leoa não foi uma guerra entre grupos étnicos”,¹⁹ — tese corroborada por Denov (2010)²⁰ —, parece-me claro que a questão étnica importa na medida em que ela explica de maneira *suplementar* determinada configuração da desigualdade social, sem contudo ser uma de suas causas principais. No caso em tela, havia principalmente tensões entre mendes e temnes. Em se considerando que os primeiros (do sul) eram a maioria no SLPP e os segundos (do norte), a maioria no APC, é de se entender, por exemplo, porque o exército era predominantemente formado por temnes. Todavia, o apoio dos revoltosos da Libéria, país que faz fronteira com Serra Leoa somente pelo sudeste, parece ter mais poder explicativo para o fato de a guerra ter começado no sul do que qualquer ideia de ressentimento por parte dos mendes em relação ao governo do APC; ainda mais em

¹⁹ “Sierra Leone’s war has not been a war between ethnic groups” (KEEN, 2003, p. 72; tradução nossa).

²⁰ DENO, op. cit., p. 50.

se considerando que Denov (2010), ao tratar da marginalização das zonas rurais pelo poder central, não menciona distinções entre norte e sul, antes apresentando esse isolamento como fenômeno geral.

As identidades de uma criança-soldado

Uma guerra contra a desigualdade social, portanto. Só que, apesar de seus discursos,²¹ a RUF na prática parecia menos interessada em fundar bases sociais novas e menos injustas do que em reverter o contexto desigual a seu favor. Denov (2010) diz:

[A] tal da 'revolução democrática' da RUF era em última instância feita [...] por meio da pilhagem das instituições rurais e dos recursos industriais, saques em massa nas aldeias e, o que talvez é mais perturbador, uma violência brutal contra os próprios civis que ela alegava estar libertando.²²

Para essa autora, "as táticas dos rebeldes contra os civis — matar, estuprar, submeter a trabalhos forçados e amputar órgãos — refletiam [...] a falta de um plano de transformação social concreto".²³ Saber disso me fez pensar que efetivamente se pode apelar para o salvacionismo para justificar uma guerra, pode-se apregoar o bem da nação, mas, no cotidiano, esse argumento se esvai, aparece de forma subsidiária quando muito. No estudo que Denov (2010) realizou com 76 crianças-soldados que lutaram pela RUF, entre os excertos de depoimentos que ela escolheu para a publicação, encontrei somente uma fala na qual o salvacionismo se faz presente, misturado efetivamente ao desejo de ganhos pessoais nada republicanos:

Eles diziam que estavam lutando pela liberdade e por justiça... Diziam pra gente que estavam lutando pra derrubar o governo porque as necessidades deles já tinham sido ignoradas por tempo demais, e havia muita corrupção. Falavam pra gente ser paciente e leal a eles. Falavam que, no fim da guerra, todos nós teríamos cargos importantes no governo... Que teríamos a chance

²¹ Para conhecer a carta de intenções da RUF, cf. REVOLUTIONARY UNITED FRONT. *Footpaths to democracy: towards a new Sierra Leone*. Disponível em: < <https://goo.gl/1d1YRB> >. Acesso em: 17 abr. 2017.

²² "[...] the RUF's so-called 'democratic revolution' was ultimately fought [...] through the pillage of rural institutions and industrial assets, the mass looting of village property and, perhaps most disturbingly, brutal violence against the very civilians it was claiming to liberate" (Id., op. cit., p. 63; tradução nossa).

²³ "[...] the rebel tactics of civilian murder, rape, forced labour and systematic amputation of limbs reflected [...] the lack of a concrete plan of social transformation" (Ibid., op. cit., p. 64; tradução nossa).

de viajar pra outros continentes, falavam tipo isso, coisas grandes... Isso dava motivação pra lutar.²⁴

Seria diferente no lado do exército? Na análise de *Muito longe de casa*, a palavra *nação*, propriamente dita, surge somente em uma cena do último capítulo, quando Ishmael, já não mais soldado, vivendo em Freetown, escuta no rádio a notícia de que a guerra chegara à capital e acabara de acontecer um golpe militar contra o presidente civil “para o bem da nação”.²⁵ Quanto ao termo *país*, embora ele se faça presente mais vezes no livro, quase sempre é em sua acepção geográfica. Apenas em quatro ocasiões *país* aparece com o sentido de comunidade. Três delas têm o mesmo contexto: são discursos do tenente Jabati, integrante do SLA e responsável por recrutar Ishmael e outros meninos-soldados. A quarta menção — que de fato é a primeira, tomando a sério a cronologia do romance — ocorre antes de Ishmael se tornar militar, quando ele é apenas um garoto assustado, à procura de sua família. Quem fala então é um velho incapaz de andar e por isso abandonado à própria sorte no momento em que, à vista do grupo de Ishmael, os habitantes de um pequeno vilarejo sem nome fogem dos recém-chegados. Diz ele aos meninos forasteiros, após lhes oferecer comida: “Minhas crianças, este país perdeu o bom coração que tinha. As pessoas não confiam mais umas nas outras. Há alguns anos, vocês teriam sido bem recebidos nesta aldeia”.²⁶

Essa fala na boca de um velho tem por certo uma dupla função. Em primeiro lugar, é uma reiteração da ancestralidade da nação, uma referência ao passado brumoso necessário à legitimação das nacionalidades; o tempo impreciso, não rastreável, de que fala Anderson (1993) ao comentar que, “[s]e se concede geralmente que os estados nacionais são ‘novos’ e ‘históricos’, as nações às quais ele dão uma expressão política presumem sempre um passado imemorial”.²⁷ Em segundo lugar, a fala do velho marca o rompimento do (suposto) caráter fraterno da comunidade com a chegada da guerra, o que, de certo modo, é legitimar o discurso nacionalista por negação; quer dizer, é valorar a nação anunciando o malefício de

²⁴ “They said they were fighting for freedom and justice... They told us they were fighting to overthrow the government because their needs had been neglected for so long and there was so much corruption. They told us to be patient and loyal to them. They said we were all going to occupy very important positions in the government at the end of the war... They said e would have opportunities to go overseas, and other grand things like that... This have us the motivation to fight” (Boy apud Id., op. cit., p. 112; tradução nossa).

²⁵ BEAH, op. cit., p. 225.

²⁶ Id., op. cit., p. 64.

²⁷ “Si se concede generalmente que los estados nacionales son ‘nuevos’ e ‘históricos’, las naciones a las que dan una expresión política presumen siempre de un pasado inmemorial” (ANDERSON, op. cit., p. 29; tradução nossa).

seu desmantelamento. E suas palavras surtem efeito, ainda que tímido. Ao deixar a aldeia, Ishmael olha para trás, a fim de ter uma última imagem do velho, e nota: “Sua cabeça estava abaixada e ele tinha ambas as mãos apoiadas na bengala. Estava claro para mim que ele sabia que seus dias acabariam em breve e não se dava ao trabalho de temer por sua vida. Mas temia por nós.”²⁸ Perceber isso implica reconhecer-se em uma situação de extrema insegurança. Longe de sua aldeia, apartado de sua família, o garoto não mais podia contar com a solidariedade dos compatriotas desconhecidos, exceto talvez daqueles que encarnassem em si o espírito da comunidade. Não à toa, quando chega a Yele, a aldeia guarnecida pelo SLA, Ishmael logo fica atraído pela figura do tenente Jabati, o líder do exército no local. É o início de uma relação de afeto, reverência e dependência da figura do militar.

Por falar em Jabati, um sujeito que lê o *Júlio César* de Shakespeare em meio à guerra — pista de sua erudição e, mais significativo, de certo gosto pela conspiração e pelos poderes da oratória —, vejamos os momentos em que o nacionalismo (não) aparece nas suas falas. Seu primeiro discurso ocorre durante a convocação dos homens e garotos de Yele ao serviço militar. Profere o tenente:

Naquela floresta existem homens dispostos a acabar com nossas vidas. Lutamos contra eles o máximo que pudemos, mas agora eles são a maioria. Eles cercaram toda a aldeia. [...] Eles não vão desistir até que consigam capturar esta aldeia. Eles querem nossa comida e nossa munição. [...] Alguns de vocês estão aqui porque eles mataram seus pais ou suas famílias inteiras, outros porque este é um local seguro. Bem, não é mais tão seguro. É por isso que preciso de homens e meninos para nos ajudar a enfrentar esses caras, para que possamos manter esta aldeia segura. Se vocês não quiserem lutar ou ajudar, está bem. Mas não receberão comida nem poderão permanecer na aldeia. Estão livres para partir, porque só queremos aqui gente que possa ajudar a cozinhar, a preparar munição e a lutar. Há mulheres suficientes para cuidar da cozinha, então precisamos da ajuda de garotos e de homens capazes de lutar contra esses rebeldes. Esta é sua hora de vingar as mortes de suas famílias e garantir que outras crianças não percam as famílias delas.

²⁹

Note-se como o discurso do tenente é calculado para atemorizar e acolher. Para coagir e cooptar. Se, por um lado, ele apela à perda iminente da segurança e marca que muitos de seus ouvintes tiveram suas famílias assassinadas, colocando-os em situação de fragilidade e solidão (acompanhada de revolta ou não), por outro, ele cria um espaço protetor que não está baseado no solo — ele nunca diz *nossa* aldeia, nem faria sentido dizê-lo para

²⁸ Ibid., loc. cit.

²⁹ Ibid, op. cit., p. 117-118.

uma população cheia de imigrantes. Antes, esse espaço protetor se alicerça na associação entre regalias de que os ouvintes já usufruem (“*nossa comida*”) e uma homogeneidade no modo de agir (“para que *possamos* manter esta aldeia segura”) e de pensar (“*queremos aqui*...”). A estratégia é exitosa. Logo somos informados de que só um homem e um menino tentaram deixar a aldeia por recusarem o alistamento, e ambos foram, supostamente, assassinados pela RUF. O tenente pede desculpas “por ter que mostrar esses corpos pavorosos, especialmente com suas crianças aqui presentes”, mas sente que é necessário revelar a crueza do mundo em guerra a seus ouvintes, manifestada no que sucedeu com os dois divergentes mesmo depois de “termos avisado a eles que era perigoso. O homem insistiu que não queria participar da nossa guerra, então fizemos o que ele queria e deixamos que partisse. Olhem só o que aconteceu.”³⁰

A mensagem é óbvia: aqueles que abandonarem a comunidade formada em torno do SLA hão de morrer. O convencimento a favor do *nós* ou do *eu coletivo* se faz sobre a demonstração da inviabilidade de sobrevivência do *eu individual* conectado prioritariamente a qualquer outro *nós* que não o SLA, a exemplo do *nós* formado pelo lugar de origem ou pela família. Nesse contexto, nem sequer importa quem sejam os rebeldes. Importa, sim, que eles sejam o risco; um vulto sem contornos definidos, encarnação da dor e da morte à espreita na mata.

Eis, porém, o paradoxo: há uma guerra a ser vencida, e o intuito daquele *nós* que o tenente Jabati tenta construir é justamente encontrar soldados dispostos a encará-la. Como formar guerreiros apelando para o medo? Impossível. Para amenizar esse entrave, as drogas são eficazes decerto. Incentivado a consumi-las ininterruptamente, Ishmael conta que, quando não estava em confronto, sua rotina consistia em zanzar entre os pontos de vigilância da aldeia, sempre “fumando maconha e cheirando *brown brown*, cocaína misturada com pólvora, que estava sempre espalhada pela mesa, e claro, tomando mais daquelas pílulas brancas, em que estava viciado.”³¹ Mas as substâncias químicas não resolvem de fato o paradoxo. É preciso haver um mecanismo que, mais do que entorpecer, dê aos soldados um objetivo e o desejo de alcançar esse objetivo. Entra em cena então o discurso de ódio e de cruzada, baseado na conjuração de uma identidade rebelde diabólica; de um *outro* em tudo

³⁰ Id., op. cit., p. 119.

³¹ Ibid., op. cit., p. 134.

oposto ao novo *eu* como quem os garotos estavam aprendendo a se enxergar. Logo depois de mostrar os corpos dos últimos aldeões mortos pelos rebeldes,

O tenente continuou falando mais de uma hora, descrevendo como os rebeldes haviam cortado a cabeça de membros de algumas famílias e feito os parentes assistirem àquilo, como tinham queimado aldeias inteiras, com os habitantes dentro, forçado filhos a penetrarem suas mães, partido corpos de bebês recém-nascidos ao meio porque choravam demais, aberto a barriga de grávidas para arrancar os fetos e matá-los... O tenente cuspiu no chão e prosseguiu, até que teve certeza de haver mencionado todas as maneiras que os rebeldes tinham de machucar cada pessoa presente na reunião.

Eles perderam tudo que fazia deles humanos. Não merecem viver. É por isso que devemos matar cada um deles. Pensem nisso como a destruição de um grande mal. É o mais honrado serviço que podem prestar a seu país.” O tenente puxou uma pistola e deu dois tiros no ar. Algumas pessoas começaram a gritar: “Temos que matar todos eles. Vamos varrer essa gente da face da Terra.”³²

Essa é a primeira vez que o nacionalismo se faz presente no discurso do tenente Jabati. Entretanto ele só aparece de forma secundária. Nessa cena, mais chamativa do que a afirmativa de que ir à guerra é “o mais honrado serviço que [os novos recrutas] podem prestar a seu país” é a lapidação dos rebeldes como seres desumanos, capazes de despertar ojeriza em qualquer pessoa. Seguindo as teses de alteridade,³³ uma vez que o *eu* se constrói com base no modo como vê a diferença do *outro*, pode-se inferir que a identidade principal que começa a se construir no grupo de Ishmael é a do herói; do servo do Bem; aquele imbuído de uma missão nobre porque *humanitária*. Acoplado ao discurso de ódio portanto está o discurso de cruzada, o chamado a uma *odiosseia* a ser vivida antes de os meninos poderem desfrutar novamente da paz do lar, neste caso da nação.

Com efeito, não existe herói sem alguém para ser salvo. O apelo ao patriotismo, à identidade nacional funciona como discurso criador de conexão e empatia para com aqueles que necessitam de ajuda: o povo serra-leonense. Mas, de novo, ódio e nacionalismo nesse contexto são siameses; um não aparece sem o outro dar as caras. Por isso, o cabo encarregado de treinar os novos recrutas faz questão de lembrá-los que a legitimidade e motivação de seu empenho na batalha é também uma forma de, pela vingança, honrar suas famílias mortas pelos rebeldes.

³² Ibid., op. cit., p. 119-120.

³³ Discuto com detalhes a dinâmica das identidades formadas pela alteridade em minha dissertação. Cf. PEREIRA, 2016.

Fomos levados a uma plantação de bananas nas proximidades, onde praticamos ataques às bananeiras usando baionetas. “Visualizem a bananeira como o inimigo, os rebeldes que mataram seus pais, sua família, e aqueles responsáveis por tudo que aconteceu a vocês”, o cabo gritou. “É assim que você vai apunhalar alguém que matou sua família?”, ele perguntou. “É assim que se faz.” Ele pegou a baioneta e começou a esfaquear a bananeira. “Primeiro eu furo a barriga, aí eu furo o pescoço, e o coração dele, e aí eu arranco o coração e o mostro pra ele, depois arranco seus olhos. Lembrem-se de uma coisa: ele provavelmente matou os pais de vocês de um jeito muito pior. Continuem.” Ele limpou sua faca com folhas de bananeira. Depois que falou aquelas coisas, ficamos cheios de ódio e enfiamos nossas facas várias vezes nas bananeiras até que as árvores caíssem no chão. “Bom”, ele disse, assentindo com a cabeça, satisfeito [...]. Durante nosso treinamento, ele repetiu várias vezes a mesma frase: *Visualizem o inimigo, os rebeldes que mataram seus pais, sua família e aqueles responsáveis por tudo que aconteceu a vocês.*³⁴

Que ninguém se engane com a ausência de menção ao país no discurso do cabo. Apelar à família é apelar à nação, uma vez que aquela pode ser tomada como o primeiro de uma série de círculos concêntricos, cada um representando uma comunidade fraternal, homogênea e horizontal; cada um mais abstrato do que o anterior à medida que se tornam mais sutis ou difusos os rituais diários que reiteram a comunhão com as esferas maiores. Aproximar a família da prática militar ativaria portanto o rancor pela destruição de uma rede básica de afeição e segurança que, se bem esticada, conseguiria enredar uma nação inteira, ainda que com muito menos eficácia, haja vista seu estado de tensão. Dito de outra forma, trazer a família à tona, naquele contexto, reforçava uma conexão com a experiência primeira e mais forte da dinâmica de formação de comunidades. Esse reforço seria útil tanto à construção da imagem de um *nós* junto àqueles garotos quanto, em última instância, não permitira que eles perdessem de vista a nação.

Todavia, a autoimagem do herói-soldado, em uma guerra civil como a de Serra Leoa, acabou chocando-se com a identidade nacional, na medida em que o serra-leonense comum, civil, era visto como oprimido; como vítima dos rebeldes; como um *outro* em tudo diferente daqueles meninos corajosos munidos de rifles, pistolas, granadas e uma missão que justificava tudo. Quando o poder central passou a negligenciar as necessidades do SLA, e os militares no *front* se viram isolados e famintos, não demorou para que se voltassem sem remorsos contra aqueles a favor de quem deveriam lutar. Os civis se tornaram inimigos ou, pelo menos, pedras no meio do caminho, que as crianças-soldados chutavam sem dó nem

³⁴ BEAH., op. cit., p. 155.

piedade. Veja-se a cena em que o grupo de Ishmael, agora com bastante experiência de guerra, acaba de derrotar um bando da RUF e de pilhar a vila que lhes servia de base. Nessa hora, o tenente toma a palavra para justificar junto aos civis amedrontados o comportamento de seus rapazes:

“Nós”, o tenente apontou para o nosso grupo, “estamos aqui para protegê-los e faremos tudo que for possível para que nada aconteça a vocês.” Ele apontou para os civis.

“Nosso trabalho é sério e temos soldados dos mais capacitados, que farão qualquer coisa para defender este país. Não somos como os rebeldes, aqueles cretinos que matam gente sem motivo algum. Nós os matamos pelo bem e para o progresso deste país. Então, respeitem esses homens”, novamente, ele apontou para nós, “por oferecerem seus serviços.” O tenente continuou seu discurso, que era uma combinação entre incutir nos civis a noção de que estávamos fazendo o correto e levantar o moral de seus homens, incluindo nós, os meninos. Fiquei ali, segurando minha arma e me sentindo especial porque fazia parte de algo que me levava a sério e não estava mais fugindo de ninguém.³⁵

Esse desprezo pela identidade civil que as crianças-soldados adquiriram acabaria se tornando o principal desafio das políticas de DDR que, a partir de 1996, começaram a surgir em Serra Leoa. A última cena em que o tenente Jabati aparece fazendo um discurso patriótico é justamente aquela em que alguns garotos, Ishmael entre eles, são escolhidos para seguirem junto com membros da Unicef para um centro de reintegração nos limites de Freetown, o Lar Benin. “Vocês foram grandes soldados e todos vocês sabem que fazem parte desta irmandade”, diz o tenente em sua despedida. “Tenho muito orgulho de ter servido ao meu país ao lado de vocês, garotos”.³⁶ É com essa autoimagem de superioridade que eles chegam ao centro, promovendo violências constantes contra os funcionários que cuidavam deles. “Era revoltante receber ordens de civis”,³⁷ vaticina Ishmael quando narra o início de seu tratamento. E acrescenta:

queríamos que os civis, como nos referíamos a toda a equipe, nos respeitassem como soldados capazes de machucá-los sem a menor compaixão. A maioria dos integrantes da equipe agia daquela maneira, voltava sorrindo depois que os machucávamos. [...] Seus sorrisos nos faziam odiá-los ainda mais.³⁸

³⁵ Id., op. cit., p. 117-118.

³⁶ Ibid. op. cit., p. 142.

³⁷ Ibid., op. cit., p. 136-137.

³⁸ Id., op. cit., p. 155.

Em um tempo relativamente curto, menos de um ano, Ishmael conseguiu recuperar-se. Deixou o centro de DDR, foi para a casa de um tio e, antes que a guerra atingisse Freetown e ele precisasse escapar sozinho para Gana, representou Serra Leoa em uma conferência da ONU, em 1996. Nesse encontro se discutiam os problemas que assolavam as crianças ao redor mundo e os desafios para resolvê-los. Em seu discurso, chama atenção a seguinte frase: “Não sou mais um soldado; sou uma criança.”

O garoto redescobria uma identidade menos daninha a si e aos outros.

O fim da guerra

Em 1992, o presidente Joseph Momoh foi deposto por um novo golpe militar. O país passou a ser comandado pelo Conselho Nacional Provisório Soberano (*National Provisional Ruling Council*, NPRC), que trouxe grupos de mercenários profissionais para ajudarem a derrotar a RUF. Com o momentâneo arrefecimento das forças dos rebeldes, houve ocasião para se realizarem novas eleições em 1996 e, depois de quase trinta anos, o SLPP retornou ao poder, com a vitória de Ahmed Tejan Kabbah. No ano seguinte, Kabbah foi deposto por mais um golpe militar, dessa vez encabeçado pelo Conselho das Forças Armadas Revolucionárias (*Armed Forces Revolutionary Council*, AFRC), intimamente ligado à RUF. Nesse momento, inclusive, mesmo preso na Nigéria, Foday Sankoh ganhou o cargo de vice-presidente do país. Foi quando a comunidade internacional começou a intervir de fato. Primeiro veio o ECOMOG, braço armado da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (*Economic Community of West African States*, ECOWAS). Em 1998, uma aliança do ECOMOG com a sociedade civil serra-leonense, que então contava com forças de defesa (*Civil Defence Forces*, CDF) para protegê-la dos desmandos tanto da RUF quanto do SLA, permitiu que Kabbah retornasse à presidência. Em 1999, foi a vez de a ONU intervir, com a criação de uma missão de *peacekeeping* para Serra Leoa — a UNAMSIL — e também impondo sanções à Libéria, governada por Charles Taylor àquela altura, de modo que o principal aliado da RUF não mais pudesse lhe ser útil. Daí até a paz ser selada foi questão de pouco tempo. Em janeiro de 2002, declarou-se oficialmente o fim da guerra civil de Serra Leoa. Começava então o desafio de reconstruir o país, reavivar a sociabilidade dos diversos grupos de concidadãos e, principalmente, tratar das crianças-soldados. De outra perspectiva, reiniciava-se a retomada

da narrativa da nação, que implicava um amplo esforço de DDR, direcionado principalmente às pessoas que viveram no *front*.

Como era de se esperar, houve um projeto com essa finalidade, elaborado pelo governo e pela comunidade internacional. Estima-se que, enquanto durou, entre 1998 e 2002, tenha atendido a 72.490 soldados de todos os grupos armados (SLA, RUF e CDF), incluídas neste número cerca de 6.845 crianças-soldados, meninas e meninos.³⁹ Mas há bastantes críticas ao modo como funcionou e dúvidas acerca de sua eficácia. Tome-se como amostra o diagnóstico de Solomon & Ginifer (2008):

[...] o potencial de melhorar a segurança humana da DDR não foi completamente alcançado. Escassez de investimentos, planejamento descoordenado e atividades de reintegração ineficazes e de curto prazo acabaram contribuindo para aumentar o desemprego e a pobreza entre segmentos das populações de ex-combatentes.⁴⁰

Denov (2010) segue o mesmo tom, condena a brevidade e a insustentabilidade a longo prazo dos objetivos do programa e elenca os principais desafios para uma reintegração completa: aceitação da família e da comunidade a essas pessoas; oferta de educação e de emprego; e soluções voltadas para combater o preconceito de gênero que muitas mulheres passaram a sofrer por causa de seus relacionamentos com rebeldes durante a guerra ou por causa dos filhos que nasceram desses envolvimento afetivos. No que concerne ao processo de (re)formação identitária, o cenário descrito por Denov (2010) é o seguinte:

De repente, as redes e os relacionamentos que eles [*as crianças-soldados*] haviam construído na RUF, bem como as habilidades militares que os haviam ajudado a sobreviver à guerra, não mais lhes beneficiavam. Além do mais, os valores formais e informais da RUF, de desapego, crueldade, terror, violência, solidariedade e coesão de grupo, não eram mais propagados nem encorajados no contexto pós-conflito. Da mesma forma, a rígida hierarquia militar deixou de ser imposta sobre eles; não havia comandantes gritando ordens nem demandando obediência. [...] [N]o fim do conflito, as crianças tiveram de construir e reformular suas identidades e seus lugares dentro da nova realidade civil, em grande medida, sozinhas, isoladas.⁴¹

³⁹ Para mais dados sobre o funcionamento do Comitê Nacional para Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (*National Committee for Disarmament, Demobilization and Reintegration*, NCDDR), cf. SOLOMON & GINIFER, 2008; cf. DENOV, op. cit., p. 156-161.

⁴⁰ “[...] DDR’s potential to improve human security was not fully realized. Poor levels of funding, uncoordinated planning and ineffective short-term reintegration activities have contributed to widespread unemployment and poverty among segments of ex-combatant’s populations” (SOLOMON & GINIFER, op. cit., p. 4; tradução nossa).

⁴¹ “Suddenly, the RUF networks and relationships they had developed, alongside the militarized skills that had helped them to survive the war, were no longer of benefit to them. Moreover, the formal and informal RUF

Embora o estudo de Denov (2010) se foque nas crianças-soldados da RUF, uma vez que as práticas do SLA não eram tão diferentes, pode-se supor que essa também tenha sido a realidade para muitos meninos e meninas obrigados a lutar do lado do exército na guerra. Por isso, pela possibilidade de esse ser um fenômeno generalizado entre as ex-crianças-soldados, é de deixar uma ruga na testa a leitura de alguns depoimentos colhidos por Denov (2010), mostrando jovens adultos que, sem êxito social nos primeiros anos após o estabelecimento da paz, alegavam sentir saudades do prestígio de que dispunham à época da guerra. Jovens que ainda valoravam sua identidade de soldados, apesar de não mais poderem manifestá-la.

Como a psicologia nos alerta, o sintoma é o fruto do recalque. Seria interessante um estudo que, partindo dessa tese, sondasse quais sintomas surgiram na atual população adulta de Serra Leoa, mantidas quase duas décadas de paz. Não o encontrei em minha breve pesquisa para esta reflexão, o que, é claro, não quer dizer que ele não exista. De toda sorte, até que essa nova curiosidade seja satisfeita, restam em mim só perguntas, uma em específico a ser compartilhada agora com você, minha cara leitora, meu caro leitor:

Um fantasma assombra Serra Leoa?

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Tradução de Eduardo L. Suárez. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 1-101.

BEAH, Ishmael. **Muito longe de casa**: memórias de um menino-soldado. Tradução de Cecilia Giannetti. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

BHABHA, Homi K. Freedom's basis in the indeterminate. **October**, v. 61, p. 46-57, 1992.

_____. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. **O local da cultura**. Tradução de Myram Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 198-238.

values of detachment, cruelty, terror, violence, group solidarity and cohesion were, in the post-conflict context, no longer propagated or encouraged. Similarly, rigid military hierarchies ceased to be imposed upon them and there were no commanders shouting orders and demanding compliance. [...] [I]n the aftermath of the conflict, children were left to build and reshape their identities and their place within a new civilian reality largely in isolation" (DENOV, op. cit., p. 149; tradução nossa).

COUNDOURIOTIS, Eleni. Introduction: naturalism, humanitarianism, and the fiction of war. In: _____. **The people's right to the novel: war fiction in the postcolony**. Nova Iorque: Fordham University Press, 2014. p. 1-18.

DENOV, Myriam. **Child soldiers: Sierra Leone's Revolutionary United Front**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-19, 48-79, 96-179.

INZA, Blanca Palacián de. El creciente uso de los niños soldados. **Instituto Español de Estudios Estratégicos**, Madrid, n. 12, 24 fev. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/QGVGgv>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

KEEN, David. Greedy elites, dwindling resources, alienated youths: the anatomy of protracted violence in Sierra Leone. **Internationale Politik und Gesellschaft**, n. 3, p. 67-94, 2003.

PEREIRA, Breno Fernandes. **Tradução, alteridade & relações de poder em *An invincible memory*, de João Ubaldo Ribeiro**. 2016. 217 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Humanidades, Artes, Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOLOMON, Christiana; GINIFER, Jeremy. Disarmament, demobilisation and reintegration in Sierra Leone. **Centre for International Cooperation and Security**. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/vaom77>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

TICKNER, J. Ann. You just don't understand: troubled engagements between feminists and IR theorists. In: LINKLATER, Andrew (Org.). **International Relations: critical concepts in political science**, volume I. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2000. p. 190-218.

Abstract

This paper departs from the reading of *A long way gone: memoirs of a boy soldier* — the autobiographic novel by Sierra Leonean Ishmael Beah, which narrates his experience as a child soldier fighting for the Sierra Leonean Army during the civil war in his country (1991-2002) — in order to think about the identities built in that traumatic situation. Assuming that a civil war cracks the discourse of nationalism, this investigation intends to find how the identities shaped in the war's daily life were linked to the national identity or how this national identity was resignified by the new ones. It is quite interesting that the Sierra Leonean Army mobilized children by shaping several new identities in them; for example, the self-image of a hero. However, in the aftermath of this subjective process of adopting new identities, the final result seemed to be heroes who hated those whom they were supposed to save as much as they hated their enemies from the Revolutionary United Front (RUF). It is suggested then that solving this identity paradox must be one of the criteria in order to positively evaluate the DDR policy (disarmament, demobilisation, and reintegration) promoted by Sierra Leone's government from 1998 up to 2002.

Keywords: Child soldiers. Civil war. Identity. Ishmael Beah. Sierra Leone.